

582. MEMÓRIAS DE CRISTÓVÃO DE AGUIAR IV

2. NOTAS SOLTAS 2011



From: Cristóvão Sent: Friday, April 01, 2011 1:58 AM To: Chrys Subject: Boa Madrugada
Caro Chrys:

*Não sei nem me interessa saber o que irão dizer os pensadores e escritores da douta literatura açoriana ao lerem o teu segundo volume da *Crónica Açores A falares* tão insistentemente de mim e da minha escrita, hão de cogitar (desconfio que não usam fazê-lo) que és um vendido e andas a tirar das profundas um dos malditos tasmanos que estava já com a sua limpeza étnica concluída. Põe-te em guarda, companheiro, que te podem encomendar uma excomunhão ao Senhor Santo Cristo, que, segundo a tradição micalense (o Sá deve sabê-lo) é terrivelmente vingativo... Não te agradeço as apreciações que fazes da minha obra; do meu carácter, temperamento e feitio, sim, com as quais concordo, porque gostaria de ser ainda mais que assim. Quanto às apreciações que teces sobre a minha obra (presunção e água benta...), embora me sinta lisonjeado, que não sou feito de pau, nem ando de pau feito, não sou nem serei talvez capaz de ficar de mente (des)obnubilada ao lê-las em letra de forma. Não quero contrair tentações, prefiro o lugar que há anos me reservaram, e ao qual me habituei tão bem, a ficar sendo citado por bocas que não sei que águas beberam ou que instrumentos tocaram... E não te agradeço, não por má educação, que conscientemente não pratico. Mas pela razão óbvia de que o agradecimento se não enquadra em nenhum género literário, só no subgénero da etiqueta, que já se não usa, a não ser na literatura obituária. De qualquer forma, envio-te um abraço. Cristóvão de Aguiar*

From: CHRYS C Sent: Friday, April 08, 2011 10:21 AM To: Cristóvão Subject: catarse

*Como prometi acabei agora de ler o livro com tristeza múltipla, por ele ter chegado a este fim que não o é, por entender melhor aquilo que antevira na minha interpretação de ti como pessoa, por sentir o livro mais que uma catarse como um exorcismo...tive a felicidade de ter a tal conversa com o meu pai uns anos antes de ele morrer e já fiz há muito o mesmo com a minha mãe ora com 88... Tento desesperadamente não repetir muitos dos erros do meu pai com o meu mais novo que tu conheces...mas somos a herança genética dos nossos e de nosso só sobra aquilo que nos distingue deles e que construímos com muito sangue, suor e lágrimas como diria o Churchill. Como deixei lavrado no meu *Crónica Açores 2* sobre ti...Ora bem tudo isto foi escrito anos antes deste teu livro e sinto ter-te retratado bem...a nossa amizade é bem recente, mas mais profunda do que se poderia adivinhar...quicá eu te entenda melhor do que cada um de nós sabe. Por favor dá isto a conhecer ao teu irmão por quem acabei nutrindo uma enorme admiração...Aquele abraço do tamanho deste Grande Mar Oceano. Chrys quase a partir para Macau*

From: Cristóvão Sent: Friday, April 08, 2011 10:33 AM To: Chrys Subject: Catarse, Exorcismo

Gostei muito da tua crítica e concordo contigo no que respeita ao exorcismo. O livro está sendo um êxito, pelo menos é o que me tem transmitido o editor, o Adelino de Castro, ex-sócio do inefável Madrugá. Vou neste momento a caminho de Lisboa: amanhã parto para o Pico. Vou primeiro aos implantes, depois aos lançamentos, 30 no Faial, 6 de maio em Angra, 13 e 14 no Pico, 20 na Ribeira Grande, onde espero ver-te. Um abraço do Cristóvão

From: CHRYS Sent: Saturday, May 21, 2011 6:47 PM To: Cristóvão Subject: Cristóvão de Aguiar é dragão

Gostei muito de estar contigo ontem. Foi uma alegria ver-te ali no covil do lobo em pleno concelho da Ribeira Grande com tanta gente a assistir. As tuas palavras foram emocionantes por falares de um tema que raramente se ouve naquilo que considero o maior desafio a toda a minha geração e tua...de quem nos exigiu 3 anos de vida em troca de nada a não ser a destruição física, mental e a morte. Obrigado por te lembrares sempre de alertar as mentes esquecidas. Do livro nada digo, já to disse em ocasião anterior à ida para Macau quando o acabei de ler. Um excelente modelo de realidades, que INFELIZMENTE ainda vão sendo realidade em zonas rurais da Lomba da Maia. Uma revisita aos tempos que te moldaram, com um pai cheio de amor e não só... Também o meu, cheio de amor e sem saber como, me obrigava a ser mais do que eu podia e sem violência física, mas verbal me condicionou a vida até aos 45 embora tenha morrido quando eu tinha 42. Cada um de nós a seu modo lidou com a situação, superando-a ou não, mas obviamente marcados pelos anos de formação. Ainda hoje com o João tento desesperadamente (mas nem sempre com sucesso) evitar repetir muitos desses erros, mas sei que alguns repito. Deixo-lhe como herança alguns escritos e uma nacionalidade australiana para ele desbaratar como quiser. Tu deixas muito mais e eu, que me sinto fraternalmente ligado a ti, jamais esquecerei as excelsas noites de aprendizagem na tua casa em São Miguel Arcaño de São Roque do Pico. Deste-me mais do que muitas pessoas em toda a minha vida e espero ter a oportunidade de um dia aprender ainda mais e absorver por osmose um pouco da tua enciclopédica sabedoria. Sinto-me irrequieto e lamento não ter menos dez anos para fazer as malas e mudar outra vez.... sei bem que há momentos na vida de cada um que guardaremos e sei que o de ontem podes bem conservá-lo pelos múltiplos significados, ali tão perto do Pico da Pedra que não quebraste nem te quebrou antes te deu força para subires a outros Picos. Aquele abraço, Chrys



2. DENTISTA NA PRAIA A AVIAR DOENTES CRÓNICA 108, 15 setº 2011

Nessa tarde não resisti e voltei aos Moinhos, já com meia centena de banhistas. A minha leitura, iniciada esta manhã no mesmo local, foi interrompida pelo tonitruante som do vozear de um senhor atarracado, de cabelo curto, alourado, acompanhado de uma jovem com tranças, de 4 ou 5 anos, permitindo as habituais conjeturas sobre se seria pai solteiro, viúvo, divorciado ou meramente um pai que foi com a filha à praia enquanto a mulher foi ao cabeleireiro ou às compras. O senhor que se sentara na mesa ao lado, debatia-se freneticamente com dois telemóveis e não se coibia de receitar Nimed e Amoxil a um pobre senhor Joaquim, do Porto, a quem fizera uma intervenção cirúrgica dentária há meses e que obviamente manifestava uma infeção no maxilar donde lhe extraíra os dentes. Sem dúvida que a memória desses dentes voltara para o assombrar e atormentar esta tarde, em pleno gozo das suas - crê-se que merecidas - férias numa soalheira tarde na esplanada dos Moinhos. Há dentes assim, depois de retirados do maxilar, ficam com saudades e querem voltar para assombrar o dono do maxilar. Poderia ser este o caso. Ouvia-se falar de troca de receitas, medicamentos retirados de circulação, e recomendações de antibióticos sem recorrer à penicilina e sem descuidar a cortisona a que o doente podia ser alérgico, mas não era, dado que já lha receitara antes.

O - possivelmente ilustre veraneante - médico dentista e cirurgião, em férias, ali na esplanada dos Moinhos de Porto Formoso, impotente, com dois telemóveis nas orelhas a falar, ora com o doente, ora com o protésico, ora com a sua secretária para que esta marcasse a consulta de urgência ao senhor Joaquim para o seu colega que ficara de serviço, deixava a pequena lambuzar-se de gelado, sem notar que o mesmo se derretia e ia escorrendo para o fato de banho. E eu em busca de sossego e do marulhar dei comigo a pensar na saga dentária do Cristóvão de Aguiar que quisera poupar e fora ao Pico tirar os dentes. Também teve problemas com o maxilar, teve de fazer um enxerto de osso do íliaco, mas apanhou uma infeção, com enorme hematoma, que o pôs numa cadeira de rodas durante meses, a mastigar papas de bebé, sem dentes, sem poder caminhar e a gastar muito mais em médicos, clínicas. Depois, teve de contratar um advogado para intentar uma ação contra o afamado cirurgião dentista, formado em Paris, a quem atribuíra a sequência de males de que padecera durante longos meses. Acalentei secretamente a esperança de ser o mesmo dentista, o que tornaria a crónica mais interessante pela coincidência (que como sabem, não existem, mas têm causas matematicamente prováveis), mas tive de me contentar com a atrás narrada cena. O Português Contrabandista de J. Martins Garcia a piscar-me o olho e eu sem o poder desfrutar numa leitura de remanso nesta manhã. Terei de regressar em mais idílico momento, pois há pessoas que usam o telefone móvel como um megafone para que todos se inteirem das conversas em direto e ao vivo, como se a alguém pudessem interessar. É pena não haver um padrão universal para telemóveis, poderia ter emprestado os auriculares... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado só há mar...

Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 29 7713 [Australian Journalists' Association - MEEA]

drcrhythrystello@journalist.com

**Diário de Trás-os-Montes (2005) - Diário dos Açores (2018) - Tribuna das Ilhas (2019) -
Jornal LusoPress, Québec, Canadá (2020) - Jornal do Pico (2021)**